



CULTURA ATRAVÉS DA ARTE: CONHECENDO A FESTA DO DIVINO NOS ATELIÊS PIRENOPOLINOS

*Ronypeterson Moraes Miranda*¹,
Universidade Estadual de Goiás
Anápolis, Goiás, Brasil
ronyrpn92@gmail.com

*Aline Santana Lôbo*²
Universidade Estadual de Goiás
Anápolis, Goiás, Brasil
alinesantanalobo@gmail.com

Resumo: A Festa do Divino de Pirenópolis através de suas cores, enredos e arte em geral atraem olhares turísticos durante a sua realização que acontece anualmente. Entretanto, o visitante que vem fora do cronograma desta celebração não tem o mesmo contato com a cultura local, salvo por relatos do tal acontecimento, no qual a cidade mistura-se em profano e sagrado em um clima festivo. Registrada como Patrimônio Cultural Imaterial pelo IPHAN em 2010, a festa que reúne moradores locais e da região, passou a receber visitantes de outras cidades. Porém, para que o turista conhecesse a festa fora do seu auge, foi desenvolvido um roteiro com artistas locais e suas produções, sendo esta uma materialização do imaginário coletivo criado a partir dos símbolos presentes nos festejos.

Palavras-Chave: Arte – Cultura – Turismo – Festa do Divino – Pirenópolis

1 INTRODUÇÃO

Dentre os 246 municípios goianos (IBGE, 2010), Pirenópolis não só se destaca por suas belezas naturais, mas também por sua história e cultura. Devido à vasta

¹ Mestrando pela Universidade Estadual de Goiás, UnUSCEH – Anápolis

² Mestranda pela Universidade Estadual de Goiás, UnUSCEH – Anápolis

biodiversidade que cobre o seu território, a cidade consegue através da preservação, desfrutar do cerrado – seu bioma maior que, além de possuir diversas cachoeiras que circunda toda a região, possui biodiversidade abundante. A cidade chegou a abrigar cerca de 12,16% de toda a população goiana, que na época contava com a extensão territorial que hoje pertence ao estado do Tocantins (PALACIN; MORAES, 1994, p. 34), sendo considerada o quarto maior núcleo populacional de Goiás. Este município é ainda um dos 65 municípios selecionados pelo Ministério do Turismo através do seu Programa de Planejamento e Gestão da Regionalização do Turismo no Brasil (MTUR, 2012) que por meio deste e de sua festa maior - a festa do Divino Espírito Santo tem reconhecimento regional, nacional, e internacional.

Em Pirenópolis, uma de suas festas populares, isto é, a Festa do Divino Espírito Santo além de representar a identidade local por meio de inúmeros folguedos, foi registrada no ano 2010, tendo seu reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2010). Um dos possíveis fatores responsáveis por este acontecimento talvez tenha sido a importância que a festa representa para a população local, seja na questão religiosa, profana ou artística, pois a identidade cultural aqui presente através da festa resultou-se a partir do sentimento de pertencimento desses moradores (HALL, 2003). Logo, a relação mantida entre os artistas da cidade e as celebrações em louvo ao Divino são tratadas como objeto de pesquisa, utilizando-se de técnicas e teorias que regem a atividade turística como fenômeno social e cultural.

De acordo com Cascudo (1978) e Maia (2002) que estudaram sobre a origem do culto ao Divino, a festa remonta-se a Portugal no século XIII, celebração que com o auxílio do Rei D. Luiz e da Rainha Santa Isabel foi instituída em 1296. No Brasil, culto ao Divino Espírito Santo é um festejo difundido em diversas cidades brasileiras, sendo possível verificar demonstrações culturais desse tipo em Paraty, Rio de Janeiro, Maranhão, São Paulo, Diamantina e também em outras cidades mineiras, pois no Brasil, essa prática religiosa começou a aparecer no período colonial. Entretanto, sua aparição mais expressiva no país data-se do século XVIII, e ganhando ainda mais força no século XIX. Em Pirenópolis, cidade que surgiu no período da Mineração do ouro em meados de 1727(PALACIN, 1994), os festejos já acontecia desde o século XVIII, como afirmam Silva (2001) e Brandão (1978) e Jayme (1971).

Aquela festa cristã que foi introduzida, na segunda metade do século XVIII, a serem precedentes informações que nos foram prestadas por pessoas cuja existência datada dos primórdios do século XIX [...] a despeito de perseverantes e cuidadosas indagações, notícias exatas, anteriores ao ano de 1819, dessa festa popular, para, para qual ocorrem prosélitos de todos os pontos do município e das povoações vizinhas. (JAYME, 1971, p. 610)

Logo, o louvor a terceira pessoa da Santíssima Trindade acontece de forma espontânea e com extenso recorte espacial, englobando tanto o meio urbano quanto o rural, além de contar com diversas figuras folclóricas e religiosas que no decorrer dos anos se fundiram às comemorações. Tais exemplos podem ser vistos nas Cavalhadas que foram agregadas juntamente com a parte religiosa da festa, assim como a peça teatral Pastorinhas, Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito, comemorações que saíram de suas datas originais para serem comemoradas durante o auge do domingo do Divino, permitindo que a festa de Pirenópolis se diferenciasse das outras comemorações realizadas ao longo do território nacional, resultando em um atrativo cultural.

2 O DIVINO, A FESTAS E SUAS PERSONAGENS

Embora o momento clímax da festa aconteça do domingo de Pentecostes até a terça-feira seguinte, a extensão da festa não se resume a apenas os acontecimentos compreendidos neste período de três dias. Para os pirenopolinos a festa do Divino começa cedo, e um dos primeiros indícios que demonstram isso pode ser visto a partir do momento em que os Cavaleiros se reúnem em oração na casa do imperador. No Brasil a figura representativa do império já era difundida devido à vinda da família real portuguesa para o território nacional, onde nas celebrações era comum celebrar o poder político, seja na figura do rei e de suas autoridades.

Em Pirenópolis, esta simbologia do Império, nas festas do Divino, possivelmente existiu nesse período. No primeiro Jornal que circulou na cidade, *Matutina Meiapontense*, encontramos algumas situações festivas que elucidam a relação das festas com a celebração do Império (SILVA, 2001, p. 25).

O Imperador do Divino é considerado uma das figuras mais importantes, pois o mesmo é responsável pela realização e coordenação de quase todos os acontecimentos incluídos nos festejos. Na cidade a figura do imperador representava status, pois se

tratava de um cargo ao qual apenas pessoa de posse e poder monetário se candidatavam, o que pode ser claramente visto na relação de nomes registrados desde a festa realizada em 1819. Segundo Brandão, “qualquer pessoa nascida no município pode apresentar-se como candidata ao cargo de Imperador do Divino” (1978, p. 54). Porém, foram acrescentadas outras condições recentemente, onde o Imperador só poderia ser alguém que frequentasse a igreja, isto é, que fosse Católico Apostólico Romano.

Os Cavaleiros das Cavalhadas são formados de um universo de 24 cidadãos pirenopolinos, os quais ficam responsáveis pelo entretenimento da multidão, assim como os visitantes durante os três dias de Cavalhadas. Do seu total de montarias, esses homens são divididos igualmente entre Cavaleiros Mouros e Cavaleiros Cristãos, ambos encenam o ato de conquista e conversão que houve no período das cruzadas, onde o Rei Carlos Magno foi responsável pela dominação dos mulçumanos (Mouros) no oriente médio. Originalmente, essa encenação foi trazida ao Brasil para ser meio de catequização. Porém, aqui em Pirenópolis ela é usada tradicionalmente como parte da Festa do Divino assim como para a diversão dos cidadãos.

Encerradas as orações dos Cavaleiros, dá-se início à preparação para os tradicionais Pousos de Folia, que “são rituais de predatório (sic.) de esmolas com que se percorrem regiões rurais em busca de donativos para os festejos urbanos, que podem ser dinheiro, alimentos ou objetos de para leilão” (SILVA, 2001, p. 32). A versão mais consistente com relação a origem diz que a mesma veio da igreja como iniciativa de catequização e arrecadação de doações. As folias do Divino talvez sejam tão antiga quanto a própria realização da festa. Entretanto, em Pirenópolis, não só a folia da rua ganhou espaço durante as comemorações da festa, pois segundo Silva ainda explana que a extensão desse grupo perpassou também o perímetro urbano, esta denominada Folia da Rua, existente há pelo menos 60 anos. Porém, por motivos de alterações religiosas, foi acrescentado mais uma espécie de pouso às celebrações, isto é, o Pouso de Folia do Padre, o qual supostamente exerce com mais fervor as funções religiosas e não possui bebidas alcóolicas. Assim, a cidade agregou mais um item aos festejos em louvor ao Divino.

Anterior à saída das folias inicia-se a produção das tradicionais verônicas, doce distribuído no domingo de Pentecoste. Também conhecida como alfenim, o doce é remete a colonização portuguesa na cidade. “Introduzidas em Pirenópolis em 14 de maio de 1826, pelo imperador daquele ano, Pe. Luiz Manuel Amâncio da Luz” (CURADO, 1980, p. 82), as verônicas são distribuídas pelo Imperador após a missa do

Divino, onde é tradição as crianças se vestirem de branco para o acompanhá-lo durante o trajeto da igreja para sua casa.

Outra figura marcante encontrada na Festa do Divino é o Mascarado, personagem que segundo Silva (2001) quase sempre esteve relacionado às Cavalhadas, onde um dia antes do seu acontecimento já se torna comum avistar os Mascarados.

No sábado do Divino, os primeiros grupos saem pelas ruas, e vão aumentando progressivamente até o último dia de Cavalhadas. Os mascarados podem estar a pé ou a cavalo, sozinhos ou em grupos, mas todos devem estar camuflados a ponto de disfarçar a própria voz para não serem identificados. As fantasias desses personagens não segue nenhum padrão, cada um se veste como quer e como pode (SILVA, 2001, p, 48).

Também no sábado do Divino também acontece o Auto de Natal: As Pastorinhas, cujos ensaios são incansáveis para que a peça seja apresentada na sexta-feira e no sábado anterior às Cavalhadas. Curado relata que, Então a origem das Pastorinhas não se remete a um longo período de tempo, não sendo igualmente antiga como outras figuras presentes na festa. Porém, a tradição do natal em pleno mês de maio e junho é mantida desde 1923, quando

no início da década de 1920, um telegrafista nordestino que visitava Pirenópolis encenou a peça *As Pastorinhas*, auto próprio do Natal e muito difundido no Nordeste. Porém, como não quis emprestar o texto para os artistas locais, que muito se interessaram pela novidade, Joaquim Propício de Pina copiou o auto às escondidas e até os dias atuais este é encenado durante os festejos do Divino. (1980, p. 38-39).

Há uma grande expansão dos vários personagens encontrados na festa, os mesmos participam não só de forma ilustrativa do cortejo do Imperador, como também seguem para a residência do Rei e da Rainha de Nossa Senhora do Rosário, assim como também o lar dos juizes de São Benedito. Caso representado pelas figuras presentes e que compõe o cenário festivo da festa durante os dois dias seguintes é o Congo, representantes das culturas indígenas e negra na festa por meio de seus padroeiros – Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

O Reinado de Nossa Senhora do Rosário e o Juizado de São Benedito originalmente não pertencia ao cronograma oficial da Festa do Espírito Santo. O mesmo era visto por muitos como uma festa paralela às celebrações da Festa do Divino, pois

acontecia no dia posterior do domingo e Pentecostes. Assim, o culto à padroeira da cidade foi instituído

sob a influência da Igreja. No entanto, ao circular entre os negros, a devoção do Rosário foi reelaborada, com o acréscimo de elementos da cultura africana. Assim, ao se organizar em irmandades religiosas, os negros produziram um catolicismo alternativo, em relação às determinações eclesiais, do qual a própria elite local participou. (SILVA, 2001, p 44).

Estas festividades acontecem pela manhã da segunda e terça-feira que sucede ao domingo de Pentecostes. Ambas as celebrações, eram organizadas pelas irmandades de negros, as quais eram responsáveis por selecionar os reis, rainhas e juizes de cada comemoração. Ainda como parte do conjunto da festa, pode-se citar a Contra-Dança, também conhecida como

Pau-de-Fita costuma se apresentar em dois movimentos da Festa do Divino. No Domingo de Pentecostes pela manhã, casais de crianças vestidas de branco, com fitas vermelha na cintura e chapéu de palha, dançam no largo da Matriz (IPHAN, 2010, p. 109).

Não só adicionando comemorações diferenciadas, a festa ainda ampliou seus recortes espaciais, deixando, por exemplo, as Cavalhadas sair de seu lugar original que era o largo da Matriz, para o antigo campo das Cavalhadas, atual “Cavalcadrome”. O auto que é um grande teatro ao ar livre foi uma prática difundida por todo o Brasil. O que justifica a primeira Cavalhada realizada na cidade em 1826. Porém, por se tratar de algo que normalmente é custeado pelo Imperador, as Cavalhadas não necessariamente aconteceram sucessivamente, isto é, houve anos em que esse teatro não ocorreu, como mostra Pinto (2011).

3 O DIVINO, AS ARTES E SEUS ARTISTAS

No decorrer da pesquisa, não só o conhecimento sobre a origem da Festa do Divino como também sobre os significados de suas diversas figuras simbólicas se tornaram quesitos necessários para que a proposta de um Roteiro das Artes fosse plausível. Desta forma, o presente artigo perpassa de forma breve pelas imagens populares e folclóricas presentes nos festejos da comemoração em louvor ao Divino Espírito Santo, assim como uma breve catalogação dos artistas que estiveram disponíveis para a realização de entrevistas para a elaboração de um roteiro turístico

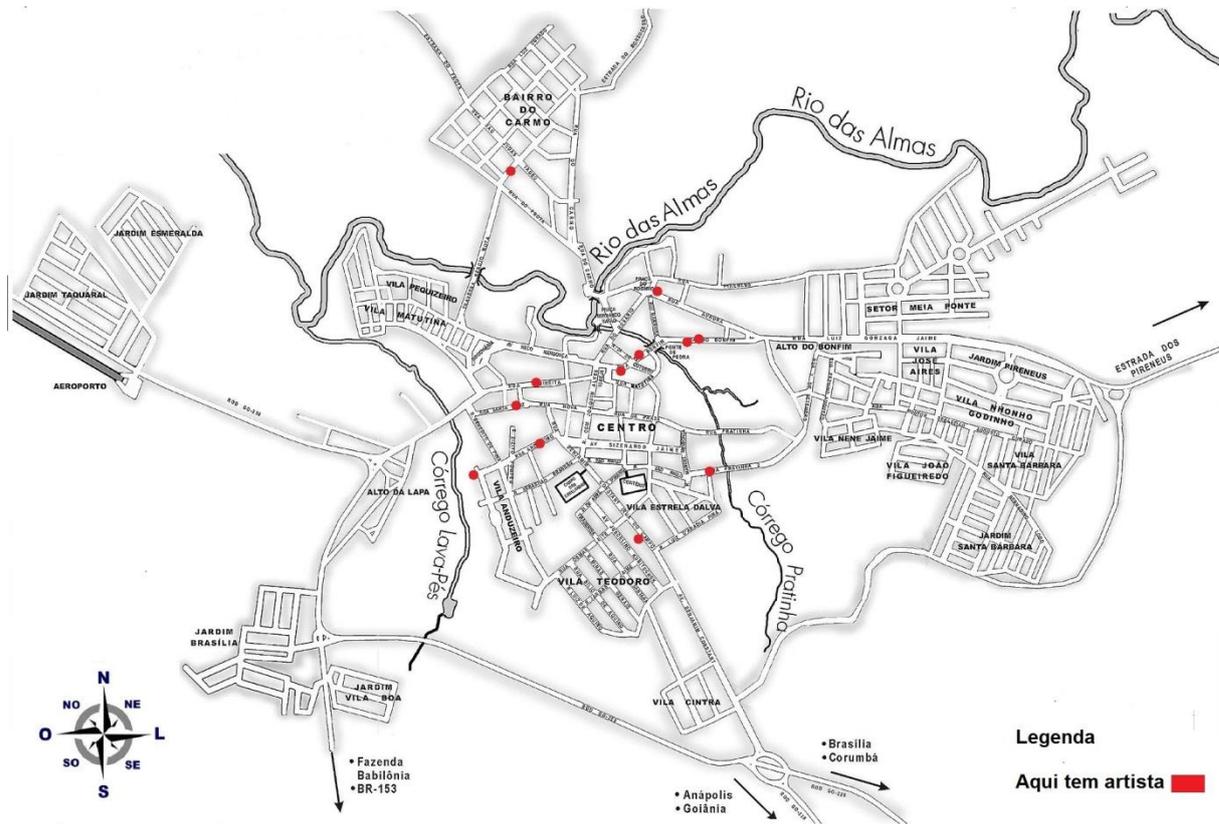
pelo qual os visitantes tivessem a oportunidade de conhecer a festa e parte da sua cultura através das artes desenvolvidas por esses artistas, sejam elas expressas através de quadros, jóias, esculturas em cerâmicas, bordados e demais estilos artísticos.

O roteiro das artes teria como público alvo pessoas interessadas ou curiosas acerca de parte das tradições pirenopolinas, isto é, esse grupo pode ser subdividido de acordo com suas intenções e a disponibilidade do roteiro. Para Perez (2005), um roteiro é elaborado para atender uma demanda efetiva que se enquadra em “número de pessoas que efetivamente participam da atividade turística como compradoras dos serviços e que possuem os meios e a vontade de o fazer” (2005, p. 24). Além do mais, o mesmo roteiro serve como um mecanismo de reafirmação de parte da identidade pirenopolina através dos guardiões dessa cultura, que são os artistas participantes do roteiro. Para Woodward *apud* Hutherford (1990) “a identidade marca o encontro do nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora” (WOODWARD, 2003, p.19-20) fazendo com que esse percurso entre artistas funcione também, como ferramenta de perpetuação cultural da festa do Divino de Pirenópolis.

2.2 AS ARTES E SEUS ARTISTAS

Para a elaboração desse roteiro, foram catalogados doze artistas diferentes, sendo que os mesmos atuam em diversas áreas artísticas, seja no barro, na prata, no tecido ou na pintura. Cada um possui um estilo próprio e sua história de vida com relação à cidade e a festa em si. O número reduzido de artistas catalogados para esse roteiro se deve, excepcionalmente, pela facilidade de acesso e disponibilidade desses moradores em receber o pesquisador, fazendo com que o roteiro executado utilizasse quantidade ainda menor de artistas.

Figura 1: Planta Baixa de Pirenópolis com a localização aproximada das residências dos artistas catalogados.



Fonte: <http://www.pirenopolis.tur.br/cidade/localizacao/mapas>.

Dos selecionados, a artista Lôbo, 67 anos, aposentada, nascida e criada em Pirenópolis, formada em Tecnologia em Gestão de Turismo pela Universidade Estadual de Goiás, desenvolve sua arte em bordados, papel e cerâmica há algum tempo. Decidiu pelas imagens folclóricas da festa devido à influência da irmã, que também é artista e, por participar do contexto festivo desde a infância, possui uma relação muito especial com os festejos. As artes desenvolvidas por Lôbo não são feitas em grande escala por se tratar de um trabalho manual, detalhado e minucioso. O mesmo tem o referencial de matéria prima reciclada e até mesmo de uso de sementes do cerrado. Possui obras retratadas em diversos livros e revistas, além de ter participado em diversas exposições, tais como no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, no Rio de Janeiro.

Figura 2: Divino em argila. Peça produzida por Lôbo.



Foto: MIRANDA, 2012.

Outra artista que se destaca em artes encontradas na festa é a pirenopolina Abreu, 59 anos. Possui colegial completo além de trabalhar há anos com setor turístico. Funcionária pública efetiva, a artista é autodidata. Sempre gostou de trabalhar com arte e atualmente faz suas obras por prazer. Trabalha com pequenos bonecos, mandalas e com esculturas feitas em barro, seja elas representando a Coroa do Divino, ou até mesmo dos Cavaleiros.

Os ícones presentes em diversos quadros de um dos artistas mais conhecido da cidade de Pirenópolis, Forzani, 77 anos, retratam a festa de uma forma singular. O artista aprendeu a desenhar sozinho aos quatro anos de idade, onde nas calçadas da rua direita ele desenhava o que achava interessante. Por motivo de mobilidade reduzida, concluiu apenas o terceiro ano do primário, não possuindo formação acadêmica de maior nível. Sua arte não só lhe proporcionou lugar na Academia Pirenopolina de Letras e na Academia Pirenopolina de Artes e Música, como também prestígio nacional e internacional. Possui uma carreira artística de mais de 40 anos, além de ter mandado diversos quadros para países como: Alemanha, Argentina, Estados Unidos, Portugal, Japão dentre outros.

Figura 2: Quadro representando as Cavalhadas por Forzani



Foto: MIRANDA, 2012.

Pina Junior, 32 anos, outro artista pirenopolino consagrado é formado em Letras, nasceu em Goiânia, porém aos cinco anos de idade mudou-se para Pirenópolis. Filho de família tradicional pirenopolina, o artista desenha desde criança. Entretanto, seu contato primário com tinta foi aos 18 anos, quando trabalhou em loja de artesanato e pintou algumas peças. Artista plástico de renome, Pina Junior recorre principalmente ao estilo de arte naif para retratar diversas cenas da festa. Sua produção artística não é feita em grande escala, pois cada quadro leva em torno de dois meses para ser produzida, participando também de várias exposições no Estado de Goiás.

Figura 3: Quadro de Pina Junior.



Foto: PINA JUNIOR, 2012.

Quando se parte das Pastorinhas como referência artística, pode-se citar também a artista Carvalho Godinho, pirenopolina aposentada, que começou a desenvolver a sua arte em cabaças com o tempo livre que proveio da aposentadoria. Participante da Festa do Divino desde criança, inclusive como parte do elenco do Auto de Natal – As Pastorinhas, Carvalho Godinho sempre teve facilidade com pinturas, optando pelo uso de cabaças por mera curiosidade. A artista escolheu retratar ícones folclóricos da festa a partir do momento em que foi desafiada pelos produtores do Projeto Artesanato dos Goyases a criar uma arte que representasse em partes a cultura pirenopolina. Assim, na inauguração desse projeto, as cabaças decorativas da artista ficaram expostas por uma semana. Carvalho Godinho e suas artes são constante foco de artigos para revistas de decoração e publicações em geral. Logo, com a técnica aperfeiçoada, ela não só retratou as Pastorinhas, mas como também começou a ilustrar outros itens da festa.

A Festa do Divino é feita de festejos e folguedos diversos, ainda sobre adornamentos, podemos destacar a artista C. Abrantes, que desenvolve sua arte principalmente com flores de mascarados e outros enfeites. A artista que é pirenopolina estudou apenas até o segundo ano do primário. Porém, a arte assim como a festa sempre esteve presente na vida dela. Atualmente, a artista não só utiliza materiais diversos, como papel crepom e garrafas pet, promovendo a reciclagem; ela também é muito conhecida por fazer as tradicionais Verônicas, alfenins e balas de coco.

Dentre as diversas formas de se expressar artisticamente, foi encontrado um artista diferente, onde a sua matéria prima não se limita apenas ao valor monetário, mas como também agrega valor cultural e histórico. O artista Araújo, 43, pirenopolino formado em Administração de Empresas aprendeu a trabalhar com a prata e ouro com

os denominados *Hippies* quando ainda criança. Por desenvolver suas obras em forma de joias, Araújo possui uma loja específica para o seu trabalho, onde a mesma ainda não é a fonte principal de sua renda, pois o mesmo, apesar de ser nativo da cidade e de vivenciar a festa desde pequeno atualmente mora em Goiânia com a sua família. Neste ano, Araújo ainda ingressou como cavaleiro cristão nas Cavalhadas durante os festejos da festa do Divino. As joias do folclore, assim denominadas pelo artista, ganham diversas formas: O Divino, As Pastorinhas, os Cavaleiros e Mascarados, todas elas responsáveis por mostrar aquilo que Araújo vivencia desde a infância.

Partindo da figura representativa dos Mascarados, foi encontrado cerca de cinco artistas diferentes que trabalham com esse ícone da festa do Divino. Desse universo, as mulheres responsáveis são: Melo e Leite. Os homens são representados por Pompeo de Pina, Moais e Flávio Abrantes, cada um com técnicas diferentes para fazer o mesmo trabalho – As Mascaras dos Mascarados. A artista Melo, 45, pirenopolina, é uma artista que aprendeu a arte da Máscara aos onze anos de idade, desde então comercializa suas obras, possuindo clientes que a procuram há mais de 25 anos. Melo não faz de sua produção artística sua fonte de renda, mesmo tendo participado de diversas exposições, como por exemplo, no Museu do Pontal no Rio de Janeiro. A artista recebe encomendas o ano inteiro, apesar de sua produção ser mais intensa durante a Festa do Divino, chegando a produzir cerca de 800 máscaras.

Outra artista que trabalha com máscaras é a artista Leite. Formada em técnico de contabilidade, sua produção artística começou cedo, quando juntamente com os amigos e irmãos aprendeu a arte da máscara. Participa da festa do Divino desde criança e produz máscara o ano todo, não possuindo uma época específica de alta temporada. Suas obras estão em diversos livros de arte representando a cultura pirenopolina por todo o Brasil.

Dos homens fabricantes da máscara de mascarados foi entrevistado o artista L. Abrantes. Descendente do renomado artista Veiga Vale, L. Abrantes, 59 anos, estudou apenas até a sétima série. Começou a criar máscaras ainda quando criança, pois as mesmas eram usadas em brincadeiras após a festa. O artista é um dos contribuintes com relação às máscaras utilizadas nos jogos realizados durante a encenação das Cavalhadas, e posteriormente na Cavalhadinha Mirim da Vila Matutina. Pina também é outro propagador da arte mascarada na cidade. Pirenopolino, o artista de 64 anos é formado em Educação Física, porém assim a maioria dos entrevistados, começou a fazer máscaras quando criança, onde no meio da brincadeira descobriu um passa tempo que

lhe traz prazer até hoje. Pina Já foi cavaleiro mouro por 26 anos, participando assim de forma intensa dos festejos do Divino. Hoje, aposentado o artista já participou de várias exposições, propagando assim a imagem de parte da cultura pirenopolina.

Finalizando os artistas que utilizam a máscara do mascarado como inspiração pode citar-se Moraes, pirenopolino de 37 anos que aprendeu a fazer sua arte com L. Abrantes. Aprendeu a trabalhar com a máscara por curiosidade e com o passar dos anos foi aperfeiçoando, onde possui obras que já foram para São Paulo e até Paris. Sua produção é mais intensa durante o período da festa, onde juntamente com Flávio Abrantes, o artista Moraes também auxilia na manutenção de máscaras durante as Cavalhadas.

O número de artistas entrevistados poderia ter sido maior, pois na cidade, grande é a gama de artistas que tem a Festa do Divino Espírito Santo como inspiração. Os colaboradores do projeto foram justamente selecionados devido à acessibilidade de entrevista assim como interesse em participar de um roteiro onde os visitantes e artistas possam ter um contato maior. Foi levada em consideração também, a localização geográfica dos mesmos, uma vez que o objetivo do projeto seja montar um roteiro que possa ser executado a pé.

4 O ROTEIRO DAS ARTES

O projeto de um roteiro histórico, cultural e artístico em Pirenópolis partiu do pressuposto de que não havia nenhum outro roteiro que associasse a Festa do Divino Espírito Santo com visita à casa de artistas da cidade. Assim, para que o projeto tivesse base de demanda, foi feito não só pilotos para testar o roteiro, mas como também entrevistas com empreendedores locais e guias turísticos, objetivando-se analisar através do diálogo a demanda efetiva da cidade, assim como o público potencial e as possibilidades e aceitação do roteiro no mercado de trabalho.

Segundo Costa (2012), guia turístico da cidade normalmente vem com percurso formatado e buscam conhecer os pontos turísticos e históricos da cidade. Porém, o guia turístico afirma que o roteiro pode ter boa aceitação quando empregado marketing eficiente, pois o mesmo embora não esteja no mercado possui público específico e demanda potencial. Ainda sobre a aceitação do roteiro, vale ressaltar o mesmo pode ser importante não só no atendimento turístico, mas como meio de educação patrimonial

para o público da cidade, que apesar de participar da festa nem sempre conhece a origem da mesma ou tem conhecimento dos artistas tão reconhecidos fora do município.

Com relação à demanda turística da cidade, foi realizada uma série de pesquisas que identificava o perfil, origem, grau de satisfação e outras especificações. As motivações das viagens também foram pautadas durante o processo de identificação desses turistas, onde os formulários foram efetuados em diversos momentos e datas festivas na cidade. Assim, durante as comemorações das Cavalhadas de 2010 e 2012 pode se avaliar o tipo de turista que frequenta esse acontecimento. Os dados recolhidos pelo Grupo de Pesquisa em Gastronomia e Turismo Canela D'Emma não só serviram para verificar a demanda efetiva durante as Cavalhadas, mas para identificar a motivação que trazem os visitantes para a cidade durante esse período.

Segundo dados disponíveis nos arquivos montados pelo Grupo de Pesquisa Canela D'Emma (2012), tanto em 2010 quanto em 2012, um número expressivo dos visitantes entrevistados tinha como principal objetivo a visita e apreciação das Cavalhadas, o que possivelmente torna a festa um atrativo turístico. Resta saber se há procura de informações sobre esse atrativo fora do período da festa, que é justamente a proposta do projeto – conhecer a festa fora da festa.

Silva Jayme (2012), por meio de entrevista afirma que a procura por informações sobre a festa é constante, não só durante a festa, mas também fora dela. A entrevistada que trabalha no Centro de Atendimento ao Turista conclui dizendo que um roteiro como esse pode atender uma demanda turística específica.

Para avaliar o roteiro, foram elaborados três percursos executados com dois grupos de alunos em horários diferentes e com turistas, pois assim, poderia se comparar os dois tipos de roteiros e as avaliações que foram obtidas através de formulários aplicados com os participantes do roteiro.

De um universo de 35 formulários aplicados aos estudantes, 100% dos entrevistados consideram importante saber sobre a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, onde apenas 9% dos alunos não tiveram as expectativas atendidas com relação ao roteiro proposto. O outro ponto negativo identificado no roteiro foi o tempo de duração do percurso, de acordo com 20% dos entrevistados era demasiadamente curto. O calor também teve 17% de influência nos quesitos negativos do roteiro, onde respostas como fome e sol forte puderam ser identificadas.

Quando se pergunta o que aconteceu de pior durante a realização do roteiro, 34% dos entrevistados não identificaram nada de ruim, levando a considerar o item onde se

pergunta se os participantes recomendaria o roteiro para outras pessoas. 97% dos alunos que fizeram o roteiro indicaria o mesmo percurso para outras pessoas. O mesmo roteiro foi avaliada entre 9 e 10 pontos por cerca de 75% do grupo de alunos. Fatores como desinteresse por parte dos integrantes do grupo também representaram 20% das respostas negativas, onde apenas um aluno avaliou o roteiro com nota três.

Foram aplicados dois formulários com turistas originários de Brasília no dia 29 de setembro, onde a avaliação dos mesmos teve repercussão positiva quase que unanime na maioria dos itens avaliados, tais como de satisfação e importância do roteiro para a difusão da história da festa. Quando se considera a nota atribuída ao roteiro, ambos atribuíram 8 (oito) ao percurso feito, pois segundo um deles, o número de artistas participantes foi pouco, nota que pesou no quesito de quantidade de artistas, sendo avaliado em regular. Ainda segundo um dos turistas participantes do roteiro, a sintetização das informações passadas pelo guia precisa melhorar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Barretto (2010), o potencial turístico de uma localidade pode ser visto através da quantidade e da qualidade de atrativos que o município pode ter. Pirenópolis possui generosa amostragem de diversos tipos de atrativos que o enquadraria como zona potencial, pois, devido com a falta de centros turísticos na cidade automaticamente a desclassificaria como zona turística, a mesma definida como a

maior unidade territorial de análise e estruturação do espaço turístico de um país. Convencionou-se que para que uma porção de território seja considerada zona, deverá ter, no mínimo, dez atrativos turísticos localizados proximamente. Essa proximidade dependerá do tamanho total do território nacional de referência. A zona deverá ter dois ou mais centros turísticos, equipamentos, serviços, transportes e comunicação entre eles. A falta de um desses elementos desclassifica o território como Zona Potencial (BARRETTO, 2010, p. 37).

Propor um projeto de roteiro turístico em Pirenópolis partiu do ideal de não só potencializar o município através da criação de mais um atrativo, como também tornar mais presente a relação dos visitantes e turistas com a comunidade local. A pesquisa trabalhou com a proposta de um roteiro baseado em história, cultura e artes diversas, pois o exercer do olhar sobre um patrimônio cultural não exige muito daqueles que o pratica, isto é, compreender uma manifestação cultural como a Festa do Divino Espírito

Santo, por mais que a mesma possua um extenso recorte espacial e temporal, não necessariamente implicaria um olhar mais científico. Entretanto, para que um indivíduo entenda parte do que significa tal comemoração, o mesmo precisaria estar acompanhado por guiar que saiba explicar o que se observa e direcionar o olhar do turista ou visitante para aquilo que se preza em um patrimônio cultural.

Almeida (2003) propõe de forma explícita que o vivenciar da cultura local por parte daqueles que ali não residem não seria possível devido o curto período de tempo que os mesmos ficam no destino visitado, uma vez que a permanência prolongada os desclassificariam como turistas ou visitantes. Sendo assim, a proposta do roteiro parte não do vivenciar da cultura como atrativo, mas sim do entender da mesma a partir do contato direto com aqueles que a vivenciam desde a infância, atingindo de forma satisfatória o exercício do olhar sobre a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, manifestação que recentemente foi registrada como Patrimônio Cultural Imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan e que passou a ser um bem não só da população local, mas uma riqueza de todos os brasileiros.

O roteiro por si só possui um grande valor cultural devido à temática em que o mesmo se baseia e o contato que o mesmo proporciona com cidadãos locais

Referências

ABREU, Lunildes de Oliveira. Entrevista: entrevista concedida na residência da artista no dia 9 de maio de 2012.

ALMEIDA, Maria Geralda de (org.). Paradigmas do Turismo. Goiânia: Alternativa, 2003.

BARRETTO, Margarita. Manual de iniciação ao estudo do turismo. 19ªed. Campinas: Papirus, 2010.

BATISTA, Ondimar. Visões de Pirenópolis: o lugar e os moradores face ao turismo. Goiânia: UFG, 2002. (Dissertação de Mestrado em Geografia).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O Divino, o Santo e a Senhora. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclóre Brasileiro, 1978.

C. ABRANTES, Castorina dos Santos. Entrevista: entrevista concedida na residência da artista no dia 19 de agosto de 2012.

CANELA D'EMA, Grupo de Pesquisa. Banco de Dados: formulários aplicados durante as Cavalhadas de 2010 e 2012.

CARVALHO GODINHO, Sandra Maria. Entrevista: entrevista concedida pelo artista em sua residência no dia 16 de julho de 2012.

CASCUDO, Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 3ª ed. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1972.

COSTA, Cristiano da. Entrevista: entrevista concedida pelo guia turístico no seu estabelecimento comercial no dia 30 de setembro de 2012.

CURADO, Glória Grace. Pirenópolis: uma cidade para o turismo. Goiânia: Oriente, 1980. (Graduação em Arquitetura e Urbanismo).

FORZANI, Pérsio Ribeiro. Entrevista: entrevista concedida na residência do artista no dia 5 de agosto de 2012.

HALL, Stuart. A identidade Cultural na Pós-Modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A ed., 2003.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Dossiê da Festa do Divino Espírito Santo, Pirenópolis – GO. Brasília: 2010.

JAYME, Jarbas. Esboço Histórico de Pirenópolis. Goiânia, UFG, 1971, vol. I e II 626p.

L ABRANTES, Lúcio Flávio. Entrevista: entrevista concedida pelo artista em sua residência no dia 5 de agosto de 2012.

LEITE, Maria de Lourdes de Oliveira. Entrevista: entrevista concedida pela artista em sua residência no dia 5 de agosto de 2012.

LÔBO, Marta Eniza de Oliveira. Entrevista: entrevista concedida pela artista em sua residência no dia 9 de maio de 2012.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Enlaces geográficos de um mundo festivo – Pirenópolis: a tradição cavalheiresca e sua rede organizacional. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. Tese (Doutorado em Geografia)

MELO, Maria Delma de. Entrevista: entrevista concedida pela artista em seu estabelecimento comercial no dia 13 de setembro de 2012.

MIRANDA, Ronypeterson Moraes. Acervo Fotográfico: Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis. 2012.

MORAIS, Edilson Lôbo de. Entrevista: entrevista concedida ao artista em sua residência no dia 12 de agosto de 2012.

PALACÍN, Luís; MORAES, M. A. Sant'Anna. História de Goiás. 6. ed. Goiânia: UCG, 1994.

PALACIN, Luís. O século do ouro em Goiás 1722-1822: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas. 4ª ed. Goiânia: UCG, 1994.

PEREZ, Amparo Sancho (org.). Introdução à metodologia da pesquisa em turismo. Tradução técnica: GUERRA, Gleice Regina; RINALDI, Thais Spiezzi. Roca, 2005.

PINA, João Luiz Pompeo. Entrevista: entrevista concedida pelo artista em sua residência no dia 27 de maio de 2012.

PINA JÚNIOR, Sérgio Pompeo. Acervo Fotográfico: Fotos do acervo pessoal das obras pintadas pelo artista.

PINA JUNIOR, Sérgio Pompeo. Entrevista: entrevista concedida pelo artista em sua residência no dia 26 de abril de 2012.

PINTO, Leandro da Silva. Cavalhadas de Pirenópolis como atrativo turístico. Pirenópolis: 2011. (Graduação em Tecnologia em Gestão de Turismo).

SILVA, Mônica Martins da. A festa do Divino: romanização, patrimônio & tradição em Pirenópolis (1890-1988). Goiânia: AGEPEL, 2001. 229 p.

SILVA JAYME, Lara. Entrevista: entrevista concedida pela gestora de turismo em seu local de trabalho no dia 29 de setembro de 2012.

TURISMO, Ministério do.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 2ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003. p. 15-19.